

O Progresso Catholico

RELIGIÃO E SCIENCIA—LITTERATURA E ARTES

Condições da assignatura—Sem brinde: Por anno, Portugal e Hespanha, 800 reis; India, China e America, 1\$200 reis. Com brinde: Portugal e Hespanha, 1\$000 reis. Numero avulso, 100 reis.

Administrador e editor: José Fructuoso da Fonseca—Redacção, administração e officinas typographicas, Picaria, 74—Publicações, preços convencionaes.



S. S. Leão XIII

O Jubileu de Sua Santidade

Completa amanhã (2 de março) 93 annos Sua Santidade o Papa Leão XIII, e no dia immediato (3 do mesmo mez), vinte e cinco que o mesmo augusto Pontifice se sentou triumphantemente na cadeira de S. Pedro, o que o mesmo quer dizer, na mais elevada dignidade que é licito occupar-se na terra.

Está de gala a Igreja Catholica Apostolica Romana, que ama, venera e reverencia o seu egregio Pastor, o Vigario de Jesus Christo, sobre a terra.

Em todos os paizes catholicos se solemnisa actualmente, com verdadeiro jubilo d'amor, a festa jubilar do venerando ancião que a Providencia Divina houve por bem collocar á testa da sua Igreja. E o santo ancião, que se tem feito amar de todos, inclusivamente d'aquelles que não creem nas santas verdades que o christianismo apregoa, e que o mesmo augusto Pontifice representa, ahi está, alegre e satisfeito assistindo á veneração universal, e esperando ainda continuar a fazer a ventura de todos nós.

Permitta o Todo Poderoso, que Elle representa na terra, prolongar ainda por mais annos a existencia do venerando ancião, luz, espelho e resplendor da Santa Igreja de Jesus Christo.

Não podia, pois, hoje o *Progresso Catholico* deixar de saudar o Summo Pontifice, collocando-se na fileira dos primeiros que n'estes dias rejubilam pelos protos d'amor feitos ao nosso amavel Pontifice, á estrella lucidissima que preside aos destinos da casta Esposa do Cordeiro, e que apezar de nonagenario, ainda segura com mão firme o leme da barca do pescador.

Exultam os verdadeiros catholicos, exultam os amigos da Santa Igreja, exultam os que amam a verdade, a justiça e a fé, porque Deus conservando até ao dia de hoje o venerando Pastor quiz mostrar que vela pela sua Igreja, e que quer a apoteose feita ao seu egregio e venerabilissimo Vigario.

Viva pois a Santa Igreja de Jesus, e viva o Santissimo Papa Leão XIII por muitos annos ainda, para lustre e gloria dos verdadeiros filhos de Jesus!

A. P. A.

ASPECTOS SOCIAES

A pobreza e a caridade

De todos é sabido quanto é triste e penosa para os pobres esta quadra invernososa. Envolto na miseria, molhados muitas vezes, dos pés até á cabeça, sem terem roupa para se agasalhar, soffrem os pobres duras inclemencias.

E quando o trabalho falta por completo, e a fome começa a entrar em casa? E quando a doença, inclementemente sempre em todos, mas dura e asperrima, para com os pobres, entra no miseravel tegurio, e corre a um por um, attingindo todos os moradores?

E' então que a caridade tem em que se exercer. Mas a caridade particular, apezar de muito extensa, é limitada como tudo n'este mundo, e não pôde chegar a todos. Ainda assim faz o que pode e mitiga muita miseria, e enxuga muita e muita lagrima.

E que faz a caridade official? Nada, ou quasi nada. E triste dizel-o, mas é a expressão da verdade.

Por muitas vezes se tem queixado a imprensa de que tem sido recusada a entrada no hospital da Misericordia a pobres desgraçados, que, avergados á fome

e á miseria, tem sido encontrados cahidos nas ruas publicas.

E, negado o recolhimento na Santa Casa, embora o infeliz vá acompanhado da auctoridade, como tem acontecido, vê-se a policia obrigada a recolher o desgraçado no aljube, para evitar que elle fique doente, na rua publica, exposto ao sol, ao frio e á chuva.

E' duro, mas é a expressão da verdade.

E se esse individuo está atacado do typho, ou da variola, ou d'outra doença contagiosa, não teme a auctoridade, não teme a direcção economica do hospital da Misericordia que elle vá contaminar os mais individuos que a mesma policia havia recluso n'esse mesmo edificio?

E será isso justo? E será isso caridoso? Por certo que ninguem tal affirmará.

Abram os poderes publicos os olhos para essas desgraças, e não tratem só de abrir a bolsa ao fisco, para tirar da algibeira popular os tristes reaes que o muito trabalho ahi possa ter amealhado. Lembrem-se tambem da pobreza, pelo menos quando o individuo a soccorrer é velho ou invalido, ou doente.

A caridade particular pode fazer muito, e faz realmente; mas desacompanhada da iniciativa do Estado, não pôde chegar a todos, por maiores que sejam os esforços que tenha a empregar.

APRECIÇÕES LITTERARIAS

«As Caixas Ruraes e o Credito Agricola»

Sob este titulo recebemos e agradecemos uma obra de 104 paginas, devida á penna do snr. Gomes dos Santos, e impresso na Typographia Peninsular de Monteiro, e Gonçalves, rua de S. Christim n.º 26, Porto.

E' de verdadeira importancia este opusculo, attento o assumpto de que trata, e é seguido d'um notavel artigo, escripto pelo Ex.^{mo} Snr. Conde de Bretiandos, artigo que foi publicado no *Boletim da Real Associação da Agricultura*.

A proposito d'este livro, lembram-nos alguns factos que se nos affiguram importantes, e que agora veem a proposito.

Quando foi da questão religiosa em 1900, algumas pessoas d'esta cidade cortaram todas as relações com os estabelecimentos pios e de caridade, e tem até hoje mantido o seu proposito. Um facto nos lembra, succedido com uma casa commercial que, por essa occasião, retirou a roupa que era lavada no Recolhimento do Bom Pastor. Tambem entre os catholicos praticos se firmou então um protesto de não dar trabalho nem interesses a casas que não fossem verdadeiramente catholicas. Mas, se exceptuarmos algumas familias de crenças arreigadas, honrosas excepções a essa regra, quem é que sustenta hoje essa aliás justa decisão?

A prova está patente nas primeiras linhas d'este pequeno artigo. Ora digam-nos: não ha n'esta cidade typographias catholicas, que seriam proprias, dada a nitidez dos seus trabalhos, e a sua intemerata qualidade para imprimirem os trabalhos do centro nacionalista? Com certeza que ha. Duas, pelo menos, conhecemos nós, a que ninguem pode negar essa qualidade: uma é, onde se imprime este jornal, e a outra é a da officina de S. José.

Havendo pois no Porto, pelo menos, duas typographias catholicas, que não publicariam, sem desdouro, obras protestantes ou menos religiosas, como por exem-

plo a typographia onde é impresso o *Progresso Catholico*, cujo proprietario, com prejuizo seu, tem mandado, para outras casas, obras que lhe tem sido commettidas, mas que entende não dever publicar,— como é que o centro nacionalista manda imprimir na primeira casa que se lhe depara, obras que deviam ser exclusivamente impressas em typographias catholicas?

E de mais note-se este facto, que é tristemente verdadeiro: os não-catholicos roubam o trabalho aos estabelecimentos catholicos, e estes não podem ir buscar trabalho aos d'elles.

Relevem-nos este reparo, que não envolve desconsideração para ninguem, e muito menos para com os membros da direcção do Centro nacionalista, onde ha caracteres integros e da maior respeitabilidade, que muito veneramos. No entretanto o facto deu-se. E se isto assim começa desde o principio, que é que pode esperar-se, passado mais algum tempo?

Opusculo notavel

Devido a uma prova de gentileza fidalga, visitaramos um opusculo d'um querido amigo e velho condiscipulo. E' a *Resposta ao Questionario sobre o Ensino Primario em Portugal*, do rev. Lemos Ferreira.

Já era nosso conhecido este trabalho de bella e erudita critica scientifica que ha tempos illustrara as columnas da *Palavra*, mas como sabiamos que, refundido completamente, sabia á luz em opusculo, este facto augmentara ainda mais o desejo que tinhamos de passar de novo os olhos lenta e deleitosamente por todas as suas paginas.

De facto, enlevados na sua leitura, relêramos todas as suas folhas, e desde logo nos ficara a impressão de que essa sua passagem como por novos moldes e a adjução de novas addendas, tudo isto havia dado ao opusculo do sr. Lemos Ferreira todo o valor d'uma obra inedita e todo o seu palpitante interesse.

D'esta leitura, patente, ficaram-nos agradabilissimas impressões que não as podendo callar, permitta-se-nos deixal-as escriptas, ao correr da penna, desataviada e desageitosamente, que a mais nos não deixam encargos instantes que ora nos distrahem e assoberbam.

Na nossa humilde opinião é este um dos mais notaveis trabalhos de critica fundamentalmente scientifica que tem sahido a lume dos prelos portuguezes nos ultimos tempos. N'elle não ha superficialidades que illumdem com a sua sciencia vã e mentirosa, ou phrases sybillinas que só servem para encobrir a banalidade da penna que as escrevera ou a vacuidade do cerebro que as gerara; mas antes todo elle é profundo e observador, sentindo-se por todo elle irradiar os lampejos d'um espirito superiormente illustrado e com um sommario scientifico bastantissimo para poder lançar o seu cartel de desafio em todas as justas a que possa ser chamado como lidador em prol dos mais sublimes ideaes.

Para melhor se aquilatar o criterio finissimo do seu auctor, a ideia primacial que presidira á confecção do seu trabalho transparece claramente atravez de cada phrase e de cada linha. A meta suprema, o «terminus», o «desideratum» final refulge n'um halo de luz vivissima, focando o labaro sacrosanto da cruz; tudo o mais são partes accessorias que se agitam e movem em torno, convergindo afinal para o centro n'uma irresistivel attracção, ignota e fatal.

Parece-nos ainda, que o seu auctor com a publicação d'este trabalho não teve em vista responder directamente ao celebre *Questionario*, que—quem sabe!—

já tenha talvez soltado a estas horas o *pœnitet* dos reus, mas sim quiz mostrar d'um modo frisante como levemente costumam ser tratadas no nosso paiz, as questões mais vitaes, e ainda mais pôz em evidencia o descaravel desleixo com que tem sido, é, e continua a ser encarada a questão da instrucção de todo um povo tão historicamente notavel no passado, e de tão enormes responsabilidades futuras.

E n'esta ordem de ideias preconisa o auctor a Instrucção religiosa como imprescindivel á educação hodierna sem o que não ha salvação possivel. E aqui não podemos deixar de frisar o entusiastico desassombro com que ao longo das suas paginas dissecou todo o organismo putrido da instrucção anti-catholica, vasto alfobre de parasitas perigosissimos, capazes, se não houvesse promessas formaes, de inquinare lethalmente a sociedade.

A sciencia sem a verdadeira orientação christã é uma pavorosa alavanca demolidora. Para que Darwin com as suas lucubrações de visionario? Para que o sonho do famigerado bathybius Aœckeli como misero adjuvante do materialismo crú, e até a mirifica theoria vertebral do craneo com o seu pequenino tributo de pigmeu? Para que imbuir a alma juvenil de mil inanidades que se pulverisam puerilmente sob a analyse criteriosa e verdadeiramente scientifica?

Creemos piamente que fallara mil vezes verdade o grande philosopho hespanhol, quando disse que mais valia um ignorante com a crença religiosa do que um illustrado pervertido.

Da instrucção religiosa, a Historia é a sua melhor mestra. Tudo o que ha e tem havido de grande produziu ella. Foi ella quem formou os homens superiores: os santos, os heroes, os artistas e os sabios. Foi o ideal christão que gerou e deu á luz as maravilhas artisticas da architectura, da pintura, da esculptura, da musica e da poesia, taes como as cathedraes medievas, as telas dos primitivos, o Moyses de Miguel Angelo, o velho cantochão e as modernas oratorias, e as epopeias da Divina Comedia e do Paraizo Perdido.

A Igreja é a Verdade, é a luz, e é o Progresso; eis, portanto, a meta, o fanal, a base e a guia de todo o ensino.

A Igreja, incolume e intangivel, apesar de tudo, avança sempre impavidamente perante as procellas dos tempos, semelhante a uma barca imperecivel guiada por palinuro mysterioso. O nimbo de luz vivida que a circumda jámais se apagará. As suas bases são inabalaveis e incoerciveis. Ruinarão as pyramides egypcias, antigos restos de antigas grandezas, com o primeiro cataclysmo cosmico, mas não desabarão o seu poder incommensuravel, infindo.

Os ataques dos seus inimigos contribuem ainda e sempre para dar-lhe mais vitalidade. Zola foi um instrumento da Providencia, pois que com a palpavel inanidade dos seus argumentos e sarcasmos ainda mais celebrou e fez triumphar Lourdes. Como contraste á obra demolidora d'este escriptor de genio mais desvairado, vemos a obra edificadora de Huysmans, o extraordinario artista da «Cathedral», indubitavelmente a primeira mentalidade litteraria da França e uma gloria do catholicismo.

A tradição caminha invulneravelmente intacta atravez das edades. Ainda ultimamente uma prova brilhante da sua veracidade, toda ella fundada á luz da sciencia, surgiu radiosa em toda a sua esmagadora realidade nos trabalhos de investigação sobre o Santo Sudario de Turim, que tão ruidosamente echoaram pelo mundo.

E quedamo-nos por aqui com esta nossa digressão

ao correr da penna a que nos levara a leitura do livro do snr. Lemos Ferreira. Agora só nos falta cumprir o dever de felicital-o vivamente pela ideia feliz que teve de publicar em opusculo a sua brilhantissima estreia, que lhe dá jus a um primacial logar entre os polemistas catholicos.

Creia, pois, o snr. Lemos Ferreira, que quem incipientemente se estreia assim tão fulgidamente, nos tempos criticos d'agora, não verá, como alguns tibios na retirada, em uma visão longinqua e dôce, o martyr da Cruz caminhando para um novo Calvario, de modo que, pelo seu aspecto maguado e triste, lhes faça saltar um «Quo vadis, Domine?» paraphraseando a lenda gloriosa e bemdita, que dera logar á urdidura da joia litteraria do insigne escriptor polaco.

Resta-nos, finalmente, pedir desculpa d'esta nossa tardia homenagem—e bem tardia na verdade—ao labor do nosso illustre amigo, de quem esperamos, fiados na nossa sincera estima, que nol-o relevará.

B. DA COSTA PEREIRA.

LITTERATURA

A mãe e a filha

Era uma noite de inverno. O vento soprava com violencia, e a neve branqueava os telhados. Debaixo d'um d'elles, n'uma salleta, estavam sentadas, a trabalhar, uma senhora já edosa e uma donzella. De tempos a tempos, a senhora aquecia as mãos a um pequeno fogareiro. Um candieiro alumiaava esta pobre morada, e um raio da luz vinha expirar sobre uma imagem da Virgem, suspensa da parede.

E a joven, erguendo os olhos, fixou-os por alguns momentos na senhora de cabellos brancos, depois disse-lhe:

—Minha mãe, nem sempre temos vivido n'esta penuria.

Na sua voz fina e argentea havia uma doçura infinita.

—Minha filha,—respondeu a senhora edosa,—Deus é o supremo Senhor do universo. O que elle faz, está muito bem feito.

Calou-se por um momento, e depois continuou:

—Quando perdi teu pae, tive uma dôr, que julguei não lhe sobreviver. Mas ficavas-me tu, e isso me consolou um pouco. Depois pensei: se elle vivesse, e nos visse n'esta miseria, com certeza estalava do seu coração. Por isso reconheci que Deus havia sido bom para com elle.

A donzella não respondeu; apenas baixou a cabeça, e algumas lagrimas, que se esforçava por occultar, cahiram sobre o trabalho que tinha entre mãos.

A mãe ajuntou:

—Deus que foi tam bom para com elle, tambem foi bom para conosco. O que é que nos tem faltado, em quanto que a tantos outros, falta tudo? E' verdade que fomos obrigadas a habituar-nos com pouco, e esse pouco ganhal-o por nosso trabalho. Mas esse pouco não nos basta? E não fomos nós todos condemnados desde o principio do mundo a viver do nosso trabalho? Dá-nos Deus o pão de cada dia, e quantos ha que o não teem! Temos uma casa, e quantos ha que dormem ao relento? Deu-me uma filha boa e muito amada, de que hei de lamentar-me?

A estas ultimas palavras, a joven, tremula, commovida, cahiu aos joelhos de sua mãe. Pegou-lhe nas mãos, beijou-as, e abraçou-a depois a chorar.

Então a mãe, fazendo um esforço para erguer a voz: —Minha filha,—lhe disse—, a ventura não consiste em possuir muito, mas em esperar e amar muito. A nossa esperança não é d'este mundo, nem tampouco o nosso amor, ou se o é, é apenas passageiro. Depois de Deus, só a ti possuo n'este mundo; mas o mundo desvanece-se, como um sonho, e é porque o meu amor se eleva contigo, para um outro mundo. Alguns mezes, antes de tu nasceres, resava um dia com mais ardor á Virgem Santissima, e Ella appareceu-me, durante o somno, e com um sorriso celeste, apresentou-me uma creança. E eu peguei na creança que Ella me apresentava, e quando a sustinha nos braços, a Virgem collocou-lhe na cabeça uma corôa de rosas brancas. Poucos mezes depois nasceste, e a doce visão de novo perpassou pelos meus olhos.

Fallando assim, a bondosa senhora estremeceu e apertou a filha contra o coração.

Algum tempo depois, uma alma santa viu dois vultos luminosos subirem para o céu, e eram acompanhados por uma multidão de anjos, e o ar retumbava com seus cantos d'alegria.

LAMENNAIS.

A opposição ao governo

Tem sido renhida, no parlamento a opposição feita ao governo. Os deputados, mórmente os progressistas, teem combatido quasi todos os ministros. Quem maior opposição tem feito são os ex-ministros progressistas. Os conselheiros Alpoim, Beirão, Villaça e Espregueira teem procurado por todos os meios combater a politica do ministerio, e não lhes tem escapado factos algum saliente, commettido pelos conselheiros da corôa que não tenha sido impugnado. Os ataques contra a liberdade da imprensa, as nomeações dos empregados do sello, os augmentos de despeza no orçamento do Estado, o celebre contracto Williams, tudo isto tem servido para diversas interpeações, discursos, e invectivas por parte da opposição.

Dos extra-rotativos tambem teem fallado alguns membros do parlamento, especializando-se os snrs. general Baracho, e o deputado franquista, snr. Mello e Souza.

O que é certo, porém, é que o governo tem resistido impavido a toda esta opposição, parecendo resolvido a conservar-se no seu posto até ao encerramento do parlamento. E como quem resiste durante a violencia da tempestade, melhor pôde resistir durante o tempo da bonança, parece que teremos governo para durar por muito tempo.

Quem poderia fazer alguma coisa, seria indubitavelmente o partido nacionalista, pois que conta membros valiosos em ambas as casas do parlamento, mórmente na camara dos pares. E elles, integros e intemeratos, melhor do que ninguem podiam verberar a actual situação, pois que alem do comprovado talento de todos reconhecido, sobeja-lhes como a ninguem, verdadeiro amor patrio, e zelosa dedicação pelo bem do paiz.

E' de crer que só depois do congresso, a que nos referimos no nosso numero anterior, o partido nacionalista possa entrar na brecha, e combater denodadamente a marcha que o actual systema rotativo está seguindo, com geral desgarrado do paiz.

A. P. A.

CONTROVERSIAS

Jesuitas e liberaes

VIII

A Inquisição e os Jesuitas

Os inimigos dos Jesuitas e em geral de todas as congregações religiosas, não só confundem estas, mas querem fazer acreditar, que os Jesuitas eram os inquisidores e que elles querem de novo implantar a Inquisição entre nós. E, ou por ignorancia ou por má fé, espalham, que o Marquez de Pombal, tendo expulsado os mesmos regulares, acabou com o Santo Officio.

Quem tal affirma, nada sabe de historia, especialmente na parte, que tem relação com o assumpto, de que se trata.

Ninguém póde negar, que os Jesuitas foram expulsos de Portugal, ou antes foram em 1759 obrigados a sairem das suas habitações.

Uns foram mandados sairem e foram transportados em navios para diversas terras estrangeiras. E estes foram, por certo, os menos infelizes. Outros ficaram presos em infectas masmorras e ahi estiveram por muitos annos, isto é, até que D. Maria I subiu ao throno. Nem todos, porem, chegaram a gosar das vantagens da liberdade, porque não poucos morreram nas prisões.

Parecia, pois, que, tendo acabado o poderio e a existencia official dos jesuitas em 1759, deveria tambem ter acabado a Inquisição.

Esta, porem, continuou a exercer a sua jurisdicção e o Tribunal do Santo Officio ficou existindo, sem a menor alteração na sua austeridade. O Marquez de Pombal era um inimigo tão implacavel dos Jesuitas, que a respeito d'elles caía em flagrantes contradicções.

Fallando da Inquisição, dizia, quando expulsou os Jesuitas, que estes nunca tinham podido dominar aquelle esclarecido Tribunal. Quando, porem, em 1774, tratou da reforma do mesmo Tribunal, apresentou, como argumento, que tal reforma era indispensavel, porque o Santo Officio estava corrompido pela influencia dos Jesuitas!

Haverá contradicção mais flagrante, mais asquerosa e ao mesmo tempo mais irrisoria?

Tambem é bem sabido, que os Jesuitas e os Dominicanos mutuamente se hostilizavam. Apesar d'isso, o Conde de Oeiras não deixava de affirmar, que os juizes do Tribunal do Santo Officio, que eram todos dominicos, se haviam deixado dominar pela influencia jesuitica!

A companhia de Jesus foi extinta por decreto de 3 de Setembro de 1759 e só em 1768, isto é, nove annos depois, foi abolida a distincção entre *christãos velhos e christãos novos* e no anno seguinte foi decretado, que se desse o tratamento de *Magestade ao Tribunal da Inquisição!*

O Marquez de Pombal determinou, que as sentenças do Santo Officio fossem referendadas pelo Conselho de Estado, mas não aboliu, antes tornou mais graves as sentenças d'aquelle Tribunal.

Em diversas epochas e já depois de expulsos os Jesuitas, continuaram a ser presos, açoitados, deportados e até queimados, individuos de ambos os sexos, de diversas edades, cathogorias e posições, sob pretexto de serem ou herejes, ou feiticeiros ou reprovarem os abusos, que no mesmo Tribunal se commettiam. E desde 1760, era presidente da Inquisição Paulo de Carvalho, irmão do Marquez de Pombal e o continuou a ser até 1770.

N'aquelle mesmo anno de 1760, alguns individuos soffreram a morte e não poucos soffreram diversos castigos por ordem do Santo Officio.

Em 1765 foi mais cruel e mais ampla a serie d'esses castigos, n'um Aucto de Fé, a que assistiu o Conde de Oeiras, em 27 de Outubro e no Rocio de Lisboa. Ahi foi queimado em estatua o celebre Francisco Xavier de Oliveira, que fôra um dos amigos d'aquelle ministro.

Ahi figuraram os retratos de João Pereira da Cunha, cavalleiro da Ordem de Christo, e de Frei João da Cunha, religioso da ordem dos Carmelitas descalços.

Estes dois individuos haviam morrido nos carceres da Inquisição!

Vinte individuos, populares e artistas, foram então açoitados e deportados para diversas terras e por diversos numeros de annos, por que tambem disseram mal do Santo Officio, e, por igual motivo, foi condemnado, a degredo e por onze annos, o Padre Jacintho Coelho, familiar do mesmo Tribunal. O Padre Antonio Carlos Monteiro foi condemnado a prisão, como atheu, por lêr obras, que, apesar de prohibidas, se vendiam publicamente.

*

O Marquez de Pombal referendou em 1 de Setembro do já referido anno de 1774 um novo Regimento para o Tribunal do Santo Officio.

No Relatorio, que antecede as diversas providencias, diz-se, que os autos de fé haviam sido auctorisados com as armas da perversa e então já extincta sociedade dos Jesuitas.

Ora essa sociedade foi instituida por Bulla de Paulo III em 27 de Setembro de 1540 e os primeiros autos da Fé, executados na peninsula foram em 1481, no reinado de Fernando e de Isabel, a catholica.

Este anachronismo, tão digno de palmatoria, não seria desculpavel a um alumno de instrucção primaria! Os Jesuitas, cincoenta e nove annos antes de serem instituidos inventaram os Autos de Fé!!

Tambem aquelle ministro attribuia aos jesuitas as obras, cujos livros traziam estampada no frontespicio uma gravura, que nem era o emblema da sociedade de Jesus, nem com esse emblema tinha semelhança e que ainda se usou em muitas obras, já depois de extincta a mesma sociedade!

N'esse novo Regimento, n'umas partes aconselha-se moderação, n'outras aconselha-se o uso do cavalete, do torno e da polé, e ainda de outros meios contra os hererarchas e contra os que tivessem espalhado erros, que offendessem as crenças, e tudo para que os réus confessassem os crimes, de que eram accusados. Por tudo isso, que ahi fica e por muito mais, que será possivel saber-se e que, de certo, os leitores não ignoram, tambem será facil dizer, quaes eram mais amantes da Inquisição, se os Jesuitas, se o Marquez de Pombal e a sua familia.

* * *

Em 1777 falleceu D. José e aquelle ministro foi demittido por um modo, que não dá muita honra á sua memoria.

Os carceres da Inquisição estavam então repletos de grande numero de reus, alem dos que tinham morrido desde 1761.

A Inquisição continuou, sem os seus Autos de Fé e sem outros castigos severos.

Em 1804 já quasi não era mais que um tribunal,

para reprehender aquelles individuos, que commettiam erros contra a religião catholica.

Em 1811 pouco mais era do que uma casa de correcção para alguns abusos e uma instituição para dar conselhos.

*

Em 1820 houve uma evolução politica, pela qual em 1822 foi alterada a antiga forma do governo. N'aquelle mesmo anno foi extincto o tribunal do Santo Officio.

Já se vê, que este subsistiu ainda sessenta e um annos depois da extincção dos Jesuitas e que, se os Jesuitas eram a causa da existencia d'esse tribunal, deveria a Inquisição acabar, quando elles foram extinctos.

Ora, é preciso advertir, que os Jesuitas, em geral, são homens intelligentes, estudiosos e eruditos. Seria, pois, uma loucura o suppor, que elles desejassem vêr estabelecido em Portugal ou n'outra qualquer nação catholica, um tribunal, que nem para elles nem para a religião traria a minima vantagem.

Ainda que os Jesuitas houvessem de ser os juizes d'esse Tribunal, bem sabiam, que os bens confiscados aos réus, não reverteriam para a sociedade de Jesus, mas para o Governo, como acontecia outr'ora, e como hoje acontece, quando, em qualquer tribunal os reus são condemnados á pena de multa. As respectivas quantias entram em cofre e teem diversas applicações em conformidade das leis, mas não passam para as mãos dos funcionarios, que, em taes casos, apenas recebem os emolumentos, que tambem as leis lhes tenham arbitrado.

Os Jesuitas desejam e tratam de augmentar o numero dos crentes, mas fazem-n'o por outros meios. Usam dos meios suasorios e, por isso, entregam-se ás missões, em diversos paizes; publicam obras mysticas, scientificas e de combate; usam da cathechese; abrem as portas dos seus templos, a quem deseja assistir ás solemnidades religiosas; e nas suas conversas, em que se revella uma fina educação e uma grande vastidão de conhecimentos, tratam de adquirir sympathias e de chamar para o caminho da religião os que d'elle andam transviados.

Elles bem sabem, que mais se consegue por meios brandos e suasorios, do que por meios violentos e pelo terror. Sabem que, se um individuo, pelo receio das violencias, se diz catholico, de certo nunca o será tão intimamente, como os que são levados, pelos meios brandos e pelas suas convicções, a abraçarem o catholicismo.

De mais, o que era a Inquisição ou Santo Officio?

Era, como seria hoje, se ainda existisse, um tribunal especial, para corrigir e castigar os réus de offensas á religião catholica, assim como ha tribunaes especiaes para contas das corporações administrativas e de diversos funcionarios; para os crimes militares; para as questões de administração civil, e outros, como ninguem ignora.

A Companhia de Jesus podia existir em Portugal, competentemente auctorizada e com approvação civil, como tem qualquer associação legalmente habilitada.

Ainda que se desse esse caso, essa associação não tinha o poder de instaurar um tribunal, como o não tem qualquer confraria, ou qualquer associação, seja quaes forem as suas origens, os seus fins e os seus meios.

Os tribunaes só podem ser instituidos pelo poder legislativo e com approvação das côrtes e depois de ser ouvido o conselho de estado,

Ainda, pois, que os Jesuitas quizessem vêr, em

Portugal, restaurado o Tribunal do Santo Officio, de certo, tal não conseguiriam, porque nem o conselho de estado, nem as côrtes tal admitiriam, ainda que os Jesuitas podessem exercer no nosso paiz uma influencia tão assustadora, como alguém inculca, ou como alguém recêa ou finge recear.

UM CATHOLICO

DE TUDO UM POUCO

Março
1
1903

Faz 427 annos que foi dada em Hespanha a celebre batalha do Toro, (1476), em que entraram, por parte de Portugal el-rei D. Affonso V, (o *Africano*) e o principe D. João seu filho, depois D. João II, o *Principe Perfeito*.

Tendo fallecido em 2 de dezembro de 1455 a rainha D. Isabel, esposa de D. Affonso V, e filha do infante D. Pedro, intentou o nosso rei casar-se com a princeza D. Joanna, filha unica d'elrei Henrique IV de Castella, que falleceu em 1474. Pertendeu D. Affonso a posse de Castella, por sua morte; e como o arcebispo de Toledo, o marquez de Vilhena, o duque de Arevalo e outros muitos fidalgos castelhanos favoreciam esta pretensão, entrou com vinte mil homens por Castella, sendo aclamado solemnemente em Placencia. Tomou alguns logares fortes á força d'armas, e, temerosos d'ellas, se renderam outros.

No dia 1 de maio de 1476 junto da cidade de Toro, deram batalha el-rei D. Affonso e D. Fernando, rei d'Aragão, a quem seguia a maior parte do reino de Castella, e ambos foram vencidos, e ambos ficaram vencedores.

Como se intende isto? Muito facilmente. Dividiu D. Affonso V o exercito portuguez em dois corpos. Do primeiro tomou para si o governo, o segundo entregou-o a seu filho, o principe D. João, que derrotou os castelhanos que se opposeram, de forma tal, que D. Fernando, vendo o máo successo da peleja, se retirou para Zamora.

Não foi el-rei tão favorecido da fortuna; e, vendo-se vencido, sahiu da batalha tão occultamente para Castillon, que o tiveram por morto. Ordenou o principe a sua gente, com a que se lhe aggregou do corpo que el-rei commandava, e tentou buscar segunda vez o inimigo.

Deteve-o, porém, a noite, de cujas sombras se aproveitaram os castelhanos, retirando-se em silencio. Ficou o principe D. João no campo, no qual se conservou para testemunho da victoria.

Pensamentos:

Quando uma nação dá signaes de vida moral, e religiosa, não está morta, nem corrupta.

Assim como não se deve aprender de todos os homens o verdadeiro modo de viver, porque d'elles se contrahiriam costumes, parte vis, e parte viciosos, mas só d'aquelles que são mais perfeitos e distinctos no juizo, na probidade da vida, e na pratica do mundo; assim igualmente no fallar não se deve seguir o uso do povo idiota, inimigo declarado das linguas mais cultas, mas só o d'aquelles que, a força de observação e de estudo, fallaram sempre com escrupulosa propriedade e pureza.

O discurso d'um homem, despido de todo o artificio, não pode deixar de ser um cháos.



Por um!

Humorismos:

Um creado d'um embaixador, que era encarregado frequentes vezes de ir comprar luvas para o patrão, nunca deixava de fazer ao luveiro a seguinte recomendação:

— Olhe que S. Ex.^a usa luvas de *oito pontos*: não se esqueça: *oito pontos*!

O luveiro, aborrecido da insistencia, disse um dia para o creado:

— Já sei, homem; já sei que o seu patrão calça luvas de oito pontos: para que serve estar a repetir isso todas as vezes que vem aqui?

— E' que realmente haveria um grande inconveniente, em que me desse luvas d'outra medida...

— Como assim?

— Não poderia eu usal-as...

*

Um creado guloso furtou, de cima d'um aparador, trez maçãs.

A dona da casa, persuadindo-se de que, quem roubava o pouco era tambem capaz de roubar o muito, entendeu prudente despedir o larapio.

— Oh! minha senhora! exclama o creado. Então, põe-me fóra da sua casa, por causa da miseria de trez maçãs?

— Por causa d'uma só, respondeu a dona da casa, poz Deus Adão e Eva fóra do paraizo.

Notas de sciencia :

Todos sabem que foi o italiano Marconi o inventor da telegraphia sem fio. Pois agora acaba um engenheiro inglez, por nome Nevil Maskeline, de aperfeiçoar tão util invenção.

Em vez d'um fio vertical, serve-se Maskeline d'um circuito fechado. O collector, que não merece confiança, é substituído por um instrumento, atravez do qual pode, sem o damnificar, passar uma faisca electrica.

As auctoridades telegrapho-postaes inglezas fizeram expedir um telegramma entre Holyhead e Dublin. O resultado foi o mais satisfatorio possivel, e d'elle se pôde concluir que o novo systema é mais vantajoso, porque, com elle, os despachos chegaram meia hora mais cedo, do que os transmittidos pelo aparelho Marconi.

Mas houve mais do que isso. O snr. Maskeline pôde interceptar os despachos dirigidos ao snr. Marconi.

Pensa o inventor que, com o novo aparelho, poderá fazer esse trabalho regular até á distancia de 50 milhas inglezas, ou cerca de 150 kilometros.

Diz elle, que, para alem d'essa distancia, a telegraphia sem fios, exigiria uma força excessiva, e que affirmar — «equivaleria o mesmo que disparar sobre hervilhas, tiros de peça de cem toneladas cada um».

Curiosidades :

Conselhos bons são muitos de dar, mas muito maus de tomar; muitos os dão, e poucos os tomam.

Conselhos maus tem duas raizes: ou nascem do odio, ou de ignorancia: por peiores tenho os primeiros, porque a ignorancia procede da fraqueza, e o odio resulta da malicia, e a malicia é peor inimigo do que a fraqueza.

Em uma coisa se parece muito o conselho com o dinheiro, é que ambos são muito milagrosos.

Trez milagres muito grandes achou um discreto no dinheiro.

Primeiro, que nunca ninguem se queixou do dinheiro, que lhe fizesse doença; segundo, que ninguem teve nojo d'elle; terceiro, que nunca cheirou mal.

Digo que nunca ninguem se queixou d'elle, que lhe pegasse doença, porque andando por mãos de quantos leprosos, sarnosos, e empestados ha no mundo, e passando d'elles para as mãos do mais mimoso fidalgo, e da mais delicada donzella, nenhuma doença sabemos que lhes pegasse, mais que fome por lhe darem mais.

De onde colho que não é bom o dinheiro para pão, que se fôra pão nunca houvera de matar a fome.

Digo mais que nunca ninguem teve nojo do dinheiro, porque o recolhem em bolsas de ambar e sêda, o guardam no seio, e até na bocca o mettem, sem terem asco d'elle, sem se lembrarem que tem andado por mãos de regateiras ramelosas, de lacaio rabujentos, e de negros rapazinhos.

E digo finalmente, que nunca cheirou mal a ninguem, porque pôde elle sahir da mais immunda cloaca, respira n'elle benjoim de boninas: ainda que venha entre enxofre, ha de lhes cheirar a ambar, algalia e almiscar.

Tal é o conselho: se é bom, nenhum mal faz; se é mau, ninguem tem nojo d'elle, nem lhe cheira mal; ainda que venha envolto em fumaças do inferno, parecem-lhe perfumes aromaticos do paraizo, e então mais quando vem deslumbrado com taes nevoas, que tolham a vista do seu conhecimento.

De tudo o dito se sabe, que se divide o conselho em bom e mau: se é bom, recebe-se com aborrecimento; se é mau, dá-se por odio.

Quando se recebe com aborrecimento, nada obra, por bem que seja; quando se dá por odio, pretende arruinar tudo, e alcança o intento, tanto que se aceita.

Deus nos livre de ser odioso o conselho, tanto me dá por respeito de quem o dá, como por parte de quem o recebe; em manquejando por algum d'estes dois polos, ou não temos fé n'elle, ou executa a peçonha que traz: e de qualquer modo causa ruinas e grandes perdições.

Para se livrar o principe de todas estas Syllas e Carybdes, deve conhecer bem de raiz os talentos e animos de seus conselheiros: e faça por isso, porque n'isso está a perda ou ganho total do seu imperio.

Versos escolhidos :

Na quadra dos rosaes e das florinhas,
Architectaram duas andorinhas
O estreito ninho no beiral florido
Da casa em que nasci.

N'esse cofre d'amores suspendido
Que modelo de vida amena e pura,
De conforto, de paz e de ventura,
Meu Deus havia ali.

Logo que amanhecia
Ellas partiam n'um voar pausado,
Como noivos gentis de braço dado
A procurar o pão de cada dia;
E assim que o sol rolava o disco d'oiro
Para as bandas do oceano, sobre o mar
Antes que a lua erguesse o rosto loiro,
Logo que anoitecia, ellas voltavam

E juntas a cantar
No seu pequeno ninho penetravam
E apoz doce murmurio que parece
Que a Deus dão graças n'uma curta prece,
Nos braços uma da outra repousavam.
Um dia vi eu sahir com estranheza
Uma das andorinhas só. Voou

Silenciosamente
Perdendo-se na espessura da deveza
Pouco se demorou.

Batendo as azas negras de contente
Voltava, no biquinho sustentando
Pedaços d'algodão, de linho brando
De tudo quanto é leve
E anda no ar disperso:

Iam decerto forrar o ninho leve
E transformal-o... em berço!
Durante a incubação é que era vel-a,
Vêr a andorinha pae, atarefada,
N'um continuo vae-vem.

Logo de madrugada
Ia buscar o almoço para ella,
Para a andorinha mãe.
Depois partia em busca do jantar,
A' caça na floresta.

Se a ouvia pipilar
Voltava logo diligente e lesta
Que venturoso par!
Tiveram filhos. E foi n'esse ninho
De duas andorinhas que eu vi bem,
Que eu soube quanto amor, quanto carinho,
E maguas te hei custado, ó minha mãe!

De beijos que harmonia,
Que doce hilaridade,
Na casa aerea, venturosa havia:
—Em tão pouco consiste a f'licidade
Que um ninho é largo espaço para ella.

E n'esta solidão
Em vão no amor baseando se esphacela
Meu pobre coração

.....
Ah! se a ventura, a flôr apeteçida
Meu coração não quer,
E' que não vê a illuminar-me a vida
Uns olhos de mulher.

COSTA ALEGRE.

A questão social

Debate-se hoje por toda a parte a questão social. Tudo quanto agita as classes proletarias, tanto em seu favor, como em seu detrimento, todos os intereses que lhes facultam ou que lhes negam, os jogos variados que se debatem, as mil vicissitudes que atravessam, as suas prosperidades ou as suas desventuras, o futuro mais ou menos prospero que se lhes antolha, tudo isso constitue a grande e complexa questão social.

Nos grandes paizes, onde ha milhares d'operarios, como na Allemanha, está sempre latente a complexa questão.

Ahi ha deputados socialistas, como os ha na Franca, na Italia, na Belgica. Estes defendem as questões no parlamento, apresentam as theorias de Karl Marx, de Buchner, de Reclus, de Bakounine e de tantos outros que trataram da questão social. E' certo que não passam de debates platonicos, porque a grande maioria conservadora não lhes approva os projectos, mas fazem barulho, e proselytos, e as theorias sociaes crescem e augmentam.

Entre nós pouco se fallava ha vinte annos em socialismo. Agora, como é moda copiar-se tudo o que nos vem d'além — Pyreneus, falla-se em socialismo, criam-se associações de classe, escolas, cooperativas etc.

E tudo isto que é um bem, desde que o socialismo é bem dirigido, é um mal, sendo inspirado por utopias de todo o ponto irrealisaveis.

Se o socialismo fôr convenientemente dirigido, se se seguirem as maximas e os conselhos do nosso immortal Pontifice, os operarios veem o seu *desideratum* coroadado dos melhores resultados praticos, porque é justo que quem trabalha obtenha meios condignos para se alimentar, e para ajuntar algumas escnomias para poder viver quando a velhice lhe não permittir que trabalhe. *Dignus est mercenarius mercede sua.*

Jesus Christo ama o socialismo justo, porque quer que o patrão trate bem o seu operario, quer que lhe pague a feria a tempo e horas, e quer que lhe proporcione trabalho compativel com as suas forças. O proprietario dispõe do capital, mas carece dos braços dos seus operarios, e n'esse caso é justo que reconheça que não pode passar sem elles.

Pelo seu lado, o operario que apenas vive do seu trabalho, e que d'elle carece para viver, como não nasceu rico, precisa de trabalhar e de fazer a vontade aos ricos, para se poder alimentar.

E' uma verdadeira sociedade, em que ha interesses reciprocos. E hoje, em vista do progresso, como os operarios comprehendem que a força está do seu lado, desde que teem associação de class que pugnam pelos seus interesses, e que se cotisam para pagar áquelles que são despedidos pelos capitalistas, ou que se despedem, por se julgarem maltratados ou mal remunerados, já se julgam eguaes aos industriaes, a cujas condições se querem egualar.

Convém, porém, que se convençam de que, apezar

de serem necessarios á producção, não são indispensaveis; e por isso devem sujeitar se ás regras estabelecidas, e que regem o trabalho, de tempos immemoriaes. Desde que se convençam de que são operarios, tudo conseguem, porque hoje o proprietario se os não associa de direito, tem-nos associado de facto, visto que os interesses são cammuns. E se apenas pretendessem o que justamente lhe pertence, facilmente adquiririam uma existencia relativamente folgada, o socego da sua consciencia, a sua tranquillidade e de suas familias, e a consideração dos seus mestres e superiores.

Porque é preciso que se convençam todos, patrões e operarios, de que, não havendo ordem, nem respeito, nem socego, não progridem as artes, nem podem os operarios terem jus ao augmento d'ordenado que forçadamente lhe tinham de dar os mestres, desde que se convencessem de que não podiam prescindir dos seus serviços.

A.

AS NOSSAS GRAVURAS

Por um!

Ahi teem os leitores mais um desilludido da fortuna. Quiz esse sujeito comprar um bilhete da loteria, e já na sua mente imaginava que seria premeado, e que alcançava a sua fortuna. Como a heroina da fabula de Lafontaine pensava que com uma bilha de leite alcançaria a sua felicidade, comprando ovos, gallinhas, porcos e vaccas, e depois graças a um pontapé que deu na bilha, ficou sem nada, assim este pobre homem, por confiar demasiado na sua fortuna, perdeu o dinheiro do bilhete e ficou como se costuma dizer a ver navios.

—Por um! — dizia elle desconsolado, examinando a lista.

Tanto te fez perder por um, como por mil. Não quiz Deus que tu obtivesses o premio, e está tudo dito; e não quiz, porque a loteria é um jogo. Para tu ganhares o premio grande, e ficares a rir-te, choravam muitos, porque deram o seu dinheiro, sem nada obterem.

COLLABORAÇÃO

Hymnos da Igreja a N. Senhora

Quem terra, pontus, sidera

Esse a quem terra, mar e firmamento
Rendem adoração e acatamento,
Annunciando a mão que os rege e guia,
Contém o casto seio de Maria.

Esse a quem lua, sol e todo o mundo
Obedecem com jubilo profundo,
A Virgem, cheia de celeste graça,
Nas entranhas purissimas abraça.

Feliz Mãe que alcançara dom tão terno,
Pois o sapiente Artifice superno,
Que o universo na mão potente abarca,
Do seu ventre se encerra na doce arca.

Feliz porque do Archanjo saudada,
E do Espirito Santo fecundada,
Da sua carne immaculada gera
O que das gentes desejado era.

A vós, Jesus, que a redempção trouxestes,
Quando da intacta Virgem-Mãe nascestes,
E ao Spirito de amor c'ò Padre eterno,
Gloria e louvor por tempo sempiterno.

A. MOREIRA BELLO.

RETROSPECTO DA QUINZENA

Interior

Durante a quinzena, continuaram os apedrejamentos aos comboios. Raro foi o dia em que n'isso se não fallava. Antigamente eram rarissimos esses factos, ou porque não se fazia d'elles publicidade, ou porque realmente se não davam. Agora dão-se em tamanha quantidade que chega a fazer pasmal, e não é só nos arrabaldes das cidades, é também nas villas, e até nas aldeias.

Será porque o snr. juiz Veiga os pune severamente fazendo andar os delinquentes, a pé, de cadeia em cadeia, do Porto até Lisboa, e vice-versa, matando-os de fome, de penuria e de cançasso?

—Pede-nos uma commissão de individuos, para fazermos sciente de que pediram á Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto, a conveniencia de, dada a sua auctoridade e os largos meios de propaganda e convencimento de que dispõe, encetar «uma campanha justa» *com que se obrigue* as sociedades de recreio «Alexandre Herculano» e «Camillo Castello Branco» a mudarem os respectivos nomes, por viverem quasi exclusivamente da tarefa de promover bailes e jogralidades diversas, com que se alegra a roda que de habito lhes enche as salas», e de se collocarem para esse fim «sob a egide de nomes respeitaveis, que a historia litteraria do paiz inscreve em caracteres de ouro».

Parece justa, em these, a opinião dos cavalheiros signatarios. Afigura-se-nos, porém, (e d'esta opinião ha mais jornaes n'esta cidade), que a illustre Associação dos jornalistas se não intrometterá na questão, 1.º porque essas aggremações teem os seus estatutos legalmente approvados; 2.º porque foi esse sempre o fim a que se destinaram, 3.º porque, se adoptaram esse nome, «collocando se sob a egide de nomes laureados na litteratura do paiz,» julgaram que se enobreciam; e, abrindo de par em par as suas salas aos socios, para ahi celebrarem as suas *soirées*, e os seus bailes aos associados, cumprem apenas os preceitos dos seus estatutos.

Não frequentamos bailes, nem de carnaval, nem para simples recreio de familias. No entretanto, supponhamos que não se intrometterá a Associação dos Jornalistas no assumpto, porque, a fazel-o, seria quando essas sociedades estavam em preparação, antes de lhes serem approvados os respectivos estatutos.

Eis a nossa simples opinião:

Uma coisa desejavamos no entretanto que nos dissessem os signatarios da representação: Como é que os jornalistas hão conseguir o que desejam? Por meio de suasão? Como pode ser isso, sem o assentimento da auctoridade superior que lhes approvou os estatutos?

—O snr. Arcebispo Primaz iniciou a subscripção aberta pelo Rev. Roberto Maciel para a construcção d'um edificio proprio, destinado ao Circulo Catholico de Operarios, offerecendo o donativo de 200.000 rs. Bem haja o ex.º prelado que assim quiz favorecer o socialismo christão, cooperando para uma obra de tam subido alcance.

Fallecimento — Falleceu no dia 19 de janeiro d'este anno a bondosa mãe do nosso presado amigo, o ex.º sr. Albino Simões Dias Cardoso, residente em Cerdeira de C. ja (Arganil).

Damos sinceros pesames ao nosso amigo e a toda a restante familia; e aos nossos leitores pedimos um Padre-Nosso e uma Ave-Maria por alma da saudosa e virtuosa senhora.

Exterior

Tem causado sensação em toda a Europa as atrocidades inauditas feitas pelos turcos aos infelizes armenios e macedonios. Em Pariz foi concorridissima uma imponente manifestação a favor d'essas victimas, proferiram-se discursos inflamados, sendo approvada uma moção, em que se pedia a intervenção do governo francez no conflicto. Nas camaras, também houve interpellações, mas o governo, como tem por costume... a nada se moveu.

—Teem sido muito concorridas em Roma, as diversas solemnidades feitas para commemorar o vigesimo quinto anniversario da exaltação ao throno pontificio de Sua Santidade o Papa Leão XIII. De toda a Italia teem accorrido immensos peregrinos. No Vaticano tem sido geral o entusiasmo.

No proximo numero faremos o resumo de todos as solemnidades.

—Falleceu em Vienna d'Austria a archiduqueza Isabel, mãe da rainha D. Christina de Hespanha, e avó de S. M. Catholica D. Affonso XIII.

Por esse motivo a côrte tomou lucto por seis mezes, sendo trez pesados, e trez alliviados.

Razão Philosophica

E

Historica da minha crenca e sua Applicação Social. Estudo feito por José Dias de Souza Calazans, medico cirurgião pela escola medico-cirurgica de Lisboa, antigo facultativo militar, facultativo municipal aposentado.

Prefacio

Ha muito tempo ainda eu era novo, que certos accidentes de vida e de sociedade humana começaram a impressionar-me profundamente, tanto pelo que observava, como pelo que pela historia tinha aprendido, Factos geraes e constantes observando-se em todas as condições, tanto individuaes como sociaes, e em toda a parte, pareciam inherentes á natureza do homem e da sociedade por elle formada, e levaram-me para um estudo moral do mesmo. Tendo-me dedicado a esse estudo durante muitos annos, resolvi publicar o resultado d'esse trabalho pela forma, que a minha inspiração me tinha suggerido, em um livro, que começou a imprimir-se no principio do anno de 1885 na typographia do periodico de Lisboa—A Cruz do Operario—intitulado —A Cruz e a Fé ou A Revelação por um Catholico Portuguez—livro que levou mais de dois annos a imprimir-se, sem que eu por qualquer modo desse causa a essa demora. Na sua confecção e publicação tive em vista a defeza da Igreja Catholica, e da fé que ella professa e ensina, porque tinha sido a sua doutrina, que me tinha auxiliado no meu estudo. E como a tinha estudado unicamente nas Escripturas do Antigo e Novo Testamento e no Cathecismo, e não me julgava por is-

so com auctoridade sufficiente para o apresentar, submetti-o ao juizo de pessoa muito competente (1), que me assegurou que na doutrina no mesmo livro exposta nada havia, que collidisse com a da fé catholica, e que fazia um bom serviço á Igreja com—sua publicação—o que ainda hoje posso provar. Outros juizos posteriores de pessoas tambem competentes mostraram-se em pleno accordo com o primeiro. Assim escudado foi o livro entregue a um livreiro catholico não só para o vender, como tambem para o distribuir por outros livreiros, e promover o seu consummo, como promettia; mas passado mais d'um anno, nada d'isto tendo feito, dizia-me que o livro não tinha venda por causa da sua má impressão; com a qual todavia eu não tinha despendido pouco.

Confesso que este exito inexperado paralysoou no meu animo todos os impulsos, com que tinha correspondido aos estimulos, com que até então tinha sido incitado.

A que seria devido?—Eis-me aqui em procura do conhecimento da causa—inclinação, desejo ou paixão, que sempre nutrem dominado, e em que se acha a razão de ser do estudo e trabalho, a que o livro deveu a sua apparição. E como esse conhecimento se me não apresentava claro, não me atrevi a dar mais um passo, nem mais cuidei do livro, esperando resignado o que a Deus aprouvesse e continuei exercendo a minha profissão em quanto pude, e como pude, até que ultimamente a idade e padecimentos me obrigaram a abandonar de todo a clinica.

Nunca me persuadi de que o meu estudo e o meu trabalho fossem inuteis. Tinha a esperanza de que Deus os utilisaria do modo como, e quando, lhe agradasse. Assim disposto puz-me a ler o livro. Li-o todo, o que não fazia desde que o tinha publicado; e n'um dia, dia assignalado (2), veio-me ao pensamento publical-o de baixo de outra forma, lembrando-me de que me tinha dito uma das pessoas competentes, que sob elle tinha formado um juizo muito favoravel,—que teria proferido a forma apologetica, e em prosa.

Não tinha eu no decurso não pequeno, talvez de mais de dose annos, deixado de olhar attento para o movimento social, por desgraça desorientado, porque se não orientava no verdadeiro conhecimento do homem. Assim era o resultado. A sociedade continuava a denunciar um mau estar geral, para remediar o qual eram impotentes os que o dirigiam. O egoismo, a ambição e até a oppressão da parte de uns desafia-se a inveja, o odio e a vingança da parte d'aquelles, que se consideravam victimas de taes sentimentos, e a que não sabiam corresponder senão com os proprios recursos, porque fóra de si não procuravam, nem reconheciam algum.

Um completo abandono do homem no meio das suas miserias e maldades, abandono a que só põe remate o desespero. Um estado desgraçadissimo, que tendia a aggravar-se cada vez mais. E a que era tudo isso devido? nada menos do que aos erros, em que se fundam os que hoje governam a sociedade, erros devidos ao desconhecimento do homem, e que denunciam completa ignorancia da sua natureza moral, em que se comprehende o conhecimento tanto do seu principio, como do seu destino e do seu fim.

Parece que aos cultores da sciencia não devia ser indifferente esse estado social, e que era no sentido de

(1) O fallecido Padre José Joaquim d'Affonseca Mattos, cuja memoria muito venero.

(2) 18 de outubro, dia do Evangelista e medico S. Lucas.

o remediarem, que se deviam orientar. Mas quall... A sciencia ufana com os seus progressos, contentissima comsigo mesma, parece que paira em uma região superior á da sociedade humana, e que os seus cultores, os sabios, d'ella não fazem parte.

Que importa que a miseria se alastre, e se manifeste debaixo de muitos, variadissimos e repugnantes aspectos? que importa que a maldade irrompa aqui, ali e em toda a parte onde pode respirar, e por quantas formas o pôde fazer, se a sciencia progride, e os seus progressos deslumbram, fascinam e cegam os que só n'elles confiam, e d'ella tudo esperam?!

Cegos sim, ou pelo menos miopes, porque nada veem para fóra do acanhadissimo horisonte da região em que se collocaram. Não veem o que se passa na vastissima região, que limita o horisonte social; não veem os factos, que mostram eloquentemente o que vale a sciencia dos homens sem a sciencia do homem, e quaes são as consequencias do desprezo e do desconhecimento d'esta sciencia; desprezo e desconhecimento que inutilisam todos os progressos, por mais deslumbrantes e fascinadores, e avilta a civilisação, por mais requintada que seja.

E que seria da sociedade, se Deus se não amerceiasse d'ella, e não viesse em seu auxilio contrapondo ás suas cegas, loucas e desastrosas tendencias a acção da Igreja, que fundou na terra com o fim de a dirigir e consolidar? Rebellado contra essa acção, e obtemperando á direcção de quem, illudindo-a, procura transvial-a e perdela, sentiu fundo as consequencias do seu desvario; e se o não confessa abertamente, e se não se penitencia, afrouxa em sua acção anti-catholica, e deixa mais livre o movimento religioso, que por toda a parte, sob a direcção e ensino do augusto Chefe da christandade, se esforça em combater a influencia do inimigo de Deus e dos homens, e em consequencia da sociedade, que tem escravizado o Ensino que tem projectado intensa luz em todos os assumptos sociaes, em que ella era necessaria. Homem providencial, em quem, desde a sua eleição e no longo periodo já decorrido depois d'ella, tem brilhado como um prodigio, em favor dos homens, e a despeito d'elles, tem brilhado, digo, a vontade e a bondade de Deus.

Foi o desejo em mim não extincto de tomar parte n'esse movimento, que me levou a tomar a resolução de apresentar sob outra forma o resultado do estudo e do trabalho, que ainda novo tinha começado, reforçando-o.

(Continúa)

«*Encyclopedia Portuguesa Illustrada*» — Recebem-se o fasciculo 219 d'este esplendido dicionario universal, publicado sob a direcção do sr. dr. Maximiano Lemos, lente da Escola Medico-Cirurgica do Porto.

Comprehende 413 artigos e 25 figuras (*Formato a Foscarari*). Entre os artigos mais notavéis d'este fasciculo, cumpre citar: *Formico*, do sr. dr. Ferreira da Silva; *Formula (Math.)*, do sr. J. C. d'Oliveira Ramos; *Foro*, do sr. Domingos Ramos; *Fortes (Candida e Ignacio Felizardo)* do sr. dr. Valentim de Magalhães e *Fortunato de Brito (Antonio)*, do sr. dr. Valentim Magalhães.

Continua a assignar-se este excellente dicionario em todas as livrarias e no escriptorio da empresa Lemos & C.^a, successor, Largo de S. Domingos, 63-1.º, Porto. Em Lisboa, são correspondentes os snrs. Balem & C.^a, Rua do Marechal Saldanha, 26.

LIVROS RELIGIOSOS

A' venda na Typographia Catholica de José Fructuoso da Fonseca — Rua da Picaria, 74 — Porto

FLORES A S. JOSÉ

MEDITAÇÕES PARA O SEU MEZ OU QUALQUER TEMPO DO ANNO

COM

Exemplos apropriados, colloquios, etc.

*Extrahidas das Sagradas Escripuras, Santos Padres,
Doutores da Igreja
e outros eminentes auctores e coordenadas por*

A. J. F.

OBRA APPROVADA E INDULGENCIADA

2.^a EDIÇÃO

Preço, enc. . . 200 reis

O MEZ DE S. JOSÉ

A VIOLETA DE MARÇO

Vertido d'um livro allemão por

Carlos H. Pieper

REVISTO PELO DR. THEOLOGO DOMINGOS DE SOUZA MOREIRA FREIRE

Com approvação do Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Snr. Cardeal D. Americo

3.^a Edição—*Augmentada com o «Modo de ouvir missa pelos defunctos»*

Preço, enc. . . 160 reis

Padre Affonso Muzzarelli

MEDITAÇÕES

PARA

O MEZ DE MAIO

COM

PIEDOSOS E LINDOS COLLOQUIOS COM A SS. VIRGEM
PARA TODOS OS DIAS

*E tocantes exemplos extrahidos das obras de
Santo Affonso Maria de Ligorio e de outros bons auctores*

Com permissão do Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Snr. Cardeal
D. AMERICO, Bispo do Porto

QUINTA EDIÇÃO

Preço, enc. . . 160 reis

BERNADETTE

SOROR MARIA-BERNARDA

POR

HENRIQUE LASSERRE

Vertido da vigesima-segunda edição franceza

POR

A. Peixoto do Amaral

1 vol., broch. . . 400 reis

IMITAÇÃO DE CHRISTO

*Novissima edição confrontada com o texto latino e ampliada
com notas por*

MONSIEUR MANUEL MARINHO

Approvada e indulgençada pelo Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Snr.

D. ANTONIO, BISPO DO PORTO

Preços :

Em percalina	300 reis
Em carneira com folhas douradas.	500 »
Em chagrín, douradas	12000 »

HORAS DE PIEDADE

OU ORAÇÕES SELECTAS

COM APPROVAÇÃO E RECOMMENDAÇÃO

DE S. EM.^a O SNR.

Cardeal Ferreira dos Santos Silva, Bispo do Porto

Nona edição coordenada e consideravelmente augmentada

1 vol., enc.	250 reis
Douradas	500 »

FLORES

AO

SS. CORAÇÃO DE JESUS

*Meditações para o seu mês ou para qualquer
tempo do anno
com exemplos apropriados, praticas e jaculatorias*

COORDENADAS POR

ANTONIO LUIZ FALCÃO

E REVISTAS POR

Monsenhor Manuel Marinho

Approvado e indulgençado pelo Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Snr.

D. ANTONIO, Bispo do Porto

1 vol., enc., 300 reis

Todos os pedidos acompanhados da sua respectiva importancia devem ser dirigidos ao editor José Fructuoso da Fonseca — R. da Picaria, 74 — PORTO.

José Joaquim d'Oliveira
PARAMENTEIRO E SIRGUEIRO
103, Rua do Souto, 105 — BRAGA

*Premiado nas Exposições Industrial Portuense de 1887,
Industrial de Lisboa de 1888
e Universal de Paris de 1889*

Fabrica de lamascos de sêda e ouro, lisos e lavrado;
paramentos para igreja; galões e franjas d'ouro fino e falsos
setim e nobrezas para opas.

Esta fabrica já foi visitada varias vezes pelas Familias Reaes Portuguezas.